

Psicanálise compreensiva. Uma visão de conjunto^[1]

CRISTINA MARIA FILOMENA MONZONI

Já há alguns anos venho acompanhando as ideias e o trabalho do Professor Psicanalista Dr. Walter Trinca, a sua visão do mundo psíquico, a importância que atribui à noção do ser interior e o seu nível de contato consigo mesmo. Este livro foi também mais uma grata surpresa, pois observo que aborda o texto com o mesmo rigor que já tem adotado em trabalhos anteriores, e mais uma vez verifico que suas avaliações se mostram instrumentos úteis na apreensão do psíquico e no fazer clínico.

Como compreender o que ocorre com uma pessoa que se distancia e que se desvincula de si mesma, que se afasta do que há de fundamental em si, o núcleo de sua existência, e que a partir daí põe em risco a organização e funcionamento da sua vida psíquica? Ou como compreender o que se dá com uma pessoa vinculada com o que há de primordial em si mesmo? Como se constituem a doença mental e a saúde mental a partir do contato da pessoa com sua realidade primária? Perguntas como estas vão surgindo no decorrer da leitura do último livro de Walter Trinca. Perguntas que instigam o avizinhar-se desta visão compreensiva na qual o sujeito é visto como fundamento da alteridade e das relações com o mundo. Trata-se de uma tentativa de compreensão psicanalítica que surge da experiência clínica baseada na inter-relação de alguns fatores prioritários, hierarquicamente estruturados, estabelecendo relações

Graduada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica. Obteve o título de Especialista em Psicologia Clínica. Pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, alcançou o Título de Especialista em Psicoterapia Psicanalítica. Tem escrito resenhas e artigos científicos. Interessada no estudo e pesquisa do Procedimento de Desenhos-Estórias contribuiu para o livro: *Formas Compreensivas de Investigação Psicológica*, coordenado pelo Professor Walter Trinca. Colaboradora da Verbo Clínica Psicológica e Centro de Estudos. Membro da Associação de Psicoterapia Psicanalítica (APP), participa de reuniões científicas e atua como docente do Curso de Introdução à Psicoterapia Psicanalítica mantido pela associação.

1. Trinca, W. *Psicanálise compreensiva. Uma visão de conjunto*. São Paulo: Vetor Editora, 2011.

entre si. Permitindo, desta forma, que o julgamento clínico seja beneficiado tanto no seu processo de construção como na sua precisão.

Este livro traz uma contribuição à Teoria da Psicanálise e à sua necessária sistematização. Não se trata de uma reformulação dos conceitos psicanalíticos clássicos, nem pretende ser nenhuma alternativa a teorias já descritas anteriormente, como bem é explicitado pelo próprio autor no seu texto. Todos que trabalham com a prática e atividades clínicas compartilham da noção da importância de que é primordial a organização do pensamento clínico para o exercício do seu ofício. O autor contribui para isto e o faz, trazendo um modelo de funcionamento mental, com perfeição e rigor, respeitando a unidade estrutural da teoria psicanalítica.

Retomando ideias e ampliando trabalhos anteriores no livro *Psicanálise Compreensiva*, Walter Trinca se dedica a tratar de questões fundamentais para a Teoria Psicanalítica. Sugerindo que a Psicanálise necessita propor e desenvolver também modelos molares, *globalistas* para o fazer clínico, a pesquisa e a sistematização teórica, nos apresenta um modelo em que o pensamento clínico se constitui em uma visão de conjunto, na qual os elementos psicanalíticos são metodologicamente distinguidos e organizados. Do seu ponto de vista, devemos distingui-la de uma psicanálise de elementos e arranjar os conteúdos em grandes linhas metodológicas. O tratamento dispensado aos dados clínicos, desta forma, facilita a sua organização e nos permite ver as várias situações clínicas, quer sejam as perturbações psíquicas, nos seus estados oclusivo e inconsciente, ou os estados conscientes. Assim, temos um modelo destinado à unificação das perturbações psíquicas, sejam psicóticas ou neuróticas, e os estados de domínio dos processos de normalidade e da expansão da consciência. Ao se compreender o ser humano como um todo cria-se uma condição para evitar a pulverização das interpretações, pois segundo o autor: “Tudo se passa em movimentos de ir e vir, da intimidade dos relacionamentos para a construção de modelos e, em sentido inverso, destes para a intimidade dos encontros clínicos.” A Psicanálise, assim considerada como uma ciência compreensiva do conjunto da vida mental, deve construir modelos globais da mente e caracterizar o lugar que os elementos psicanalíticos mais evidentes ocupam dentro de sistemas relativamente coerentes e estáveis. No cerne do

modelo está a noção do *ser interior* e o seu estado de contato, baseados na inter-relação de alguns fatores tomados no sentido macroscópico. A ênfase metodológica recai sobre a compreensão e a elaboração das situações pertinentes ao sistema que estiver em vigor, e os princípios da associação livre e da atenção flutuante se mantêm incontestáveis. Estas posições suscitam ainda a possibilidade de troca de ideias entre os outros autores de psicanálise com a possibilidade de englobar diferentes teorias e, deste modo, cada teoria e cada autor podem ter um espaço garantido por sua vez, de acordo com o material clínico que apareça em um atendimento.

As questões do *ser interior* e do *self* veem sendo tratadas em realizações prévias, entre elas a publicação do livro *O ser interior na Psicanálise* (2007). O autor considera que: “O *ser interior* é a realidade primária de cada pessoa. É a afirmação, que cada pessoa poderia fazer: O que há de fundamental em mim é a realidade primária. Esse ser é aquilo que sou deste o começo de minha vida.” A noção de *ser interior* não se confunde com a noção de *self* (TRINCA, 2001). O *self* se refere “em suas origens e processos, com a complexidade de manutenção concreta da existência da pessoa, incluindo-se a adaptação e a sobrevivência. O *self* que é um órgão mental de consecução dessa existência e um meio pelo qual ela se efetiva. Ele tem a capacidade de se conectar em maior ou menor grau com o *ser interior*, mas é de sua natureza ser um campo de forças em conflito, porque é nele que se dão os embates das diferentes tendências que se apresentam no psiquismo”. As situações clínicas fornecem indicações para esclarecer os graus de distanciamento de contato, avaliando os componentes da sensorialidade e da fragilidade do *self*. Vemos, então, que o estado do *self* se modifica em função das interferências e atuações do *ser interior*, quanto maior for o grau de distanciamento de contato mais o *self* tenderá a se desorganizar, a se desestruturar ou a se desintegrar. Assim, essa condição leva a admitir uma associação entre o distanciamento de contato e as perturbações psíquicas e, também, com a noção de si mesmo. Esta última, que se pode modificar em função dos graus de contato, se mostra fundamental para a análise dos sinais de sanidade e ou de comprometimento mentais.

Os principais fatores envolvidos nas perturbações psíquicas são: a constelação do inimigo interno, o distanciamento de contato, a sensorialidade, a

fragilidade do *self*, a angústia de dissipação do *self* e a estruturação do inconsciente. A constelação do inimigo interno (TRINCA, 2007) coloca-se, entre outros, como um fator importante na origem do distanciamento de contato, pois é movida pela pulsão de morte. Essa constelação é formada por elementos cuja atividade tem em comum o ataque e a destruição do contato com o ser *interior*. Seu alvo alicerça-se na desestabilização, na supressão e no aniquilamento da individualidade, das ligações com a vida e com o viver, e de todo tipo de ligação, agindo em oposição à ordem interna e externa, pretendendo destruir o que é real, verdadeiro, vivo e criativo. Compreende uma série de elementos psíquicos ligados à autodestrutividade e à heterodestrutividade.

Se levarmos em consideração o papel de cada um dos fatores citados acima, veremos que o distanciamento de contato, na medida em que se aprofunda, forma estruturas diversificadas por intermédio dos fatores em relacionamento e, não deve ser considerado isoladamente. Para que as perturbações se instalem, dependem da situação do *self* em face do distanciamento de contato, e quanto maior for o grau de distanciamento de contato mais grave tenderá a ser a natureza das perturbações psíquicas e cada grau de distanciamento trará consequências no *self*, que se modifica. Este acontecimento ocasiona na pessoa uma configuração mental específica de aprisionamento e de imobilidade, e determinada visão de si próprio e do mundo. O grau de gravidade patológica revela a competência do método empregado para chegar à hipertrofia. Assim, o indivíduo, de modo dogmático e autoritário, é levado a acreditar numa perspectiva adversa, sem soluções e com prejuízo no pensar.

Os sistemas mentais são considerados como componentes emocionais que se destacam de modo evidente e repetitivo. Constituem-se de fatores, de princípios e formas de organização relativamente estáveis e bem estabelecidos, e são formados seja pela sensorialidade, ou seja, pela fragilidade do *self*. A Psicanálise Compreensiva considera que os sistemas mentais determinantes propiciam a localização do foco em relação ao conjunto das manifestações, mesmo que, independentemente dele, existam outros problemas e dificuldades. Enfatizar o sistema principal, que chama atenção, permite uma síntese do paciente, do material clínico e também do contexto teórico e metodológico em que se trabalha. Assim vemos que os sistemas mentais determinantes se

constituem como especificidades dentro dos seguintes conjuntos: da vida mental do paciente, da problemática psíquica, dos fatos clínicos, dos fatores, dos elementos de determinada perturbação psíquica, global dos sistemas mentais determinantes, dos sistemas de determinado processo patológico e das teorias psicanalíticas.

Os sistemas são agrupados em uma classificação geral, que se diferencia e se diversifica. Ao serem ordenados e organizados em um dispositivo organizador, no eixo de contínuo contato com o *ser interior*, eles ocupam posições entre o ponto zero e o infinito negativo. O eixo corresponde a uma linha de base contínua, que se constitui na representação de uma estrutura geral, sob a qual os sistemas mentais se unificam. A base comum ligada ao distanciamento de contato faz surgir fenômenos diversos em cada ponto: os sistemas mentais determinantes. O eixo do contínuo de contato constitui-se em uma noção organizadora e sintetizadora por abarcar diferentes fenômenos e classes de fenômenos em um todo unificado. E se considerarmos o campo por inteiro (de infinito negativo ao infinito positivo) podemos estudar o sistema geral, compreendendo a vasta gama de atividades mentais (TRINCA, 2007).

O autor considera que: “Nesta classificação, os sistemas mentais determinantes representam as próprias perturbações psíquicas que se pretendem classificar.” Eles são formados por quatro fatores básicos: constelação do inimigo interno ou aquilo que a substitua, distanciamento de contato, fragilidade do *self* e sensorialidade. Daí decorre que cada uma dessas perturbações psíquicas pode ser reduzida às suas características fundamentais, que se referem ao sistema que lhe corresponde. Estas características dizem respeito ao aspecto estrutural, que oferecendo os componentes relativamente invariantes das perturbações coincide com o sistema mental determinante presente em cada perturbação, e distingue-se do aspecto dinâmico, o qual se liga às condições variáveis, como a intensidade e a extensão.

Para a formação deste modelo geral, a angústia é considerada fundamental como fator característico de toda e qualquer perturbação psíquica, como bem foi analisada por Freud e Klein, entre outros, como um processo central da problemática psíquica. Assim os sistemas mentais se constituem a partir da fragilidade do *self*, que responde pelo desencadeamento da angústia.

A angústia possui a propriedade intrínseca de rumar para o buraco negro, seja esta relacionada à fragilidade ou à sensorialidade. Em determinadas situações do adoecimento, o indivíduo pode substituir a fragilidade pela sensorialidade, o que caracteriza um importante processo de “escolha”.

Quando o ser está ausente de si, na impossibilidade de viver sua própria existência, naquilo que é chamado, o *self* se fragiliza ou se excede na sua sensorialidade por diferentes motivos. Definir o lugar que o paciente ocupa em relação ao distanciamento de contato oferece possibilidades clínicas para compreender a natureza e a qualidade do sofrimento. Desta forma, Walter Trinca nos apresenta uma série de exemplos de situações clínicas, de perturbações psíquicas nos estados inconscientes e oclusivos. Consequentemente podemos acompanhar o *self* sob a ação da fragilidade, e também sob a ação da sensorialidade, seja a básica e intensificada, seja a de preenchimento e, por último, a produzida por ataques e, ainda, o enfraquecimento e o esvaziamento do *self*. As perturbações psíquicas podem ser classificadas segundo seus sistemas mentais determinantes em escala de gravidade patológica. Nos estágios avançados podem haver pânicos ou ameaças de pânicos, bem como suas consequências. Ao olharmos a fobia e o pânico, podemos vislumbrar no buraco negro o “olho do furacão” e encontrar a angústia em estado quase puro. O processo patológico das fobias e do pânico é constituído por uma forma de angústia que, ao ser estudado, contribui para o estudo de todas as perturbações psíquicas. O alvo da fobia é um movimento efetivo de invalidação intenso, manifestando-se no esvaziamento do *self*. As perturbações psíquicas, em seus graus avançados de gravidade patológica, compreendem a ação da constelação do inimigo interno ou de outros fatores para a ocorrência do distanciamento de contato, que levam a situações mentais críticas, e até maléficas, com ou sem a presença de dissipação do *self* em seu percurso ao buraco negro. Podemos constatar que no estado oclusivo, característico tanto da bipolaridade como da esquizofrenia há uma sensorialidade manifesta, geralmente, por baixa mobilidade psíquica e por forte tendência ao inanimado.

Ao final do livro é apresentada a condição de quando o ser se faz presente e a pessoa se sente viva. Assim o modelo é estendido ao estado consciente, onde ocorre uma expansão do contato com o *ser interior*. O autor, então,

descreve uma série de situações onde ocorrem experiências de expansão da consciência como as imagens espontâneas e o silêncio interior entre outras.

Cristina Maria Filomena Monzoni

Rua Pedroso Alvarenga, 1255 cj. 62

(11) 3071-3930.